

# **“JUVENTUDE E POLÍCIA”: uma alternativa para a democratização da atividade policial**

Julia Rocha Caffaro<sup>1</sup>

---

## **Sumário**

---

1. Introdução – 2. Breve Análise Histórica – 2.1. A Criação do Grupo Cultural AfroReggae – 2.2. A Parceria com o CESeC – 3. Projeto Juventude e Polícia – 3.1. Etapa Piloto – 3.2. Segunda Etapa do Projeto – 4. Eixos de Percepção de Mudança – 4.1. Primeiro eixo de análise: mudanças nas representações – 4.2. Segundo eixo de análise: mudanças nos padrões de interação – 5. Conclusão – 6. Referências.

### **Introdução**

Em cinco de outubro de 1988 foi promulgada a chamada Constituição Cidadã<sup>2</sup>, visando delimitar o poder estatal através da ampliação das garantias fundamentais e da promoção dos direitos humanos. No entanto, próximo de completar o seu vigésimo aniversário, a atual Constituição não produziu mudanças capazes de superar a cultura autoritária do poder estatal, em especial, no que diz respeito à cultura da polícia militar.

Não é surpreendente que a cultura da corporação tenha sofrido poucas mudanças após a Constituição Federal, já que a Constituinte definiu a competência desta polícia de forma ambígua no parágrafo 5º do artigo 144 (“polícia ostensiva e preservação da ordem pública”)<sup>3</sup>.

Através de uma pesquisa realizada pelo CESeC (Centro de Estudos de Segurança e Cidadania) foi possível avaliar a proporção de ocorrências de revista corporal na última experiência de abordagem da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Foi constatado que, segundo raça ou cor das pessoas abordadas, 55% do total de negros tinham passado pela revista corporal, enquanto apenas 32,6% de brancos foram

---

<sup>1</sup> Monitora de Sociologia da Universidade Candido Mendes – Centro, 1º semestre de 2007.

<sup>2</sup> Termo utilizado pelo Presidente da Câmara dos Deputados, Ulisses Guimarães, quando da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

<sup>3</sup> Brasil. Código Penal, Código de Processo Penal, Legislação Penal e Processual Penal e Constituição Federal. Organizador Luiz Flávio Gomes. 9. ed. São Paulo: RT, 2007. p. 101.

revistados. Verifica-se, nos dados apresentados, que a abordagem realizada pela polícia militar está pautada em critérios subjetivos de discriminação étnica, apesar da corporação ser composta em maioria por pardos e negros. Além disso, segundo faixa etária das pessoas abordadas, 49,5% do total de jovens entre 15 a 19 anos e 56,3% do total de jovens entre 20 a 24 anos já tinham sido revistados, e segundo faixa de renda pessoal mensal, 44,4% do total de pessoas com renda mensal de mais de um salário a três salários mínimos havia experimentado a revista corporal <sup>4</sup>. Podemos perceber, portanto, que a atuação policial é marcada não apenas pela discriminação de corte racial, mas também por aquelas referentes a idade e renda, o que torna os jovens negros pobres alvo preferencial da polícia.

O objetivo deste artigo é relatar a implantação do projeto “Juventude e Polícia” pelo Grupo Cultural AfroReggae e pelo CESeC, avaliar as diversas mudanças decorrentes nas representações sociais dos policiais e dos jovens envolvidos e apontar para os novos padrões de interação social possíveis.

### **A Criação do Grupo Cultural AfroReggae**

A criação do Grupo Cultural AfroReggae não foi imediata. O nascimento desse grupo não seria possível não fosse o espírito empreendedor e a sensibilidade de José Junior, coordenador executivo da ONG.

Junior nasceu em Ramos, subúrbio do Rio de Janeiro, próximo ao Complexo do Alemão. Quando tinha aproximadamente dez anos, mudou-se para o centro com sua mãe e duas irmãs. Aos doze anos foi vítima da violência policial, em um sábado à noite na Rua Uruguaiana, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Junior estava acompanhado de um amigo, batendo com as mãos nas vitrines das lojas, quando o alarme de uma das lojas disparou. Policiais apareceram e, diante da fuga dos dois meninos, começaram a atirar. Junior parou no meio do caminho, tendo sido pego pelos policiais e bastante agredido. Para surpresa de Junior, seu amigo que já estava

---

<sup>4</sup> Musumeci, Leonarda e Ramos Silvia. “Elemento Suspeito”. Abordagem Policial e Discriminação na Cidade do Rio de Janeiro. Ano 03. Nº. 08. Rio de Janeiro: dezembro de 2004. p. 09.

bem distante, resolveu retornar e acabou apanhando ainda mais, supostamente por ser gordo e negro <sup>5</sup>.

Tal cena, corriqueira no cotidiano de policiais e meninos nas favelas cariocas, é reveladora do quanto as relações entre polícia e juventude pobre na cidade é marcada pelo desrespeito, fundado na impossibilidade de que os policiais e aqueles que compõem determinadas minorias se vejam como iguais (apesar das inegáveis semelhanças na composição de tais grupos). Jacqueline Muniz aponta para o quanto essa relação de desrespeito apresenta inegáveis cortes raciais e de gênero:

A administração do risco potencial, assim como as atitudes policiais dirigidas às minorias sexuais e étnicas, estão intimamente ligadas ao processo cognitivo de construção da suspeita e de identificação dos eventos, comportamentos e atitudes percebidos pela ótica como sendo ameaçadores. <sup>6</sup>

Aos dezoito anos, Junior experimentou novamente a humilhação. Ele estava em sua rua conversando com um amigo, quando três policiais passaram e um deles veio em sua direção para revistá-lo. O policial lhe deu vários tapas nas pernas, por Junior estar vestindo uma bermuda. Em seguida, pegou seus documentos, atirou-os no chão e rasgou seu documento de alistamento, que certificava sua aprovação no teste de pára-quedista do exército <sup>7</sup>. Junior havia obtido as notas mais altas neste teste, o que tornou o incidente motivo de grande frustração.

Pode-se perceber na história pessoal de Junior aquilo que Axel Honneth chama de relações de desrespeito, entendidas como aquelas que não estão fundamentadas no reconhecimento mútuo<sup>8</sup>. Podemos definir reconhecimento como a atitude pela qual, numa determinada relação, são considerados os atributos e características definidores das identidades individuais e coletivas, tanto aqueles atributos que definem as características compartilhadas por todos, e que nos definem como humanos, quanto aqueles que apontam para singularidades <sup>9</sup>. É possível perceber a relação de desrespeito no momento em que o policial desconsiderou o comportamento social e o

---

<sup>5</sup> Neate, Patrick et Damian Platt. *Culture is our Weapon: Afroreggae in the Favelas of Rio*. London: Latin America Bureau, 2006. p. 136-137.

<sup>6</sup> Muniz, Jacqueline de Oliveira. *Cultura e Cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999. p. 251.

<sup>7</sup> Neate, Patrick et Damian Platt. *Culture is our Weapon: Afroreggae in the Favelas of Rio*. London: Latin America Bureau, 2006. p. 138.

<sup>8</sup> (apud, Figueiredo: 2007)

<sup>9</sup>Figueiredo, André Luiz Videira. “Entre a Letra e o Espírito: os marcos normativos e a política de reconhecimento”. Rio de Janeiro, 2007 (mimeo).

direito legal<sup>10</sup> e acabou por desrespeitar Junior, rasgando seu certificado de aprovação no teste de pára-quedista.

No ano em que completou 21 anos de idade, Junior observou que muitos de seus amigos já tinham morrido, e que ele era o mais velho de seu bairro. Seus amigos mais velhos tinham entre quinze e dezesseis anos. Nesta época, Junior promovia bailes funk e animava festas infantis. No entanto, sua vida de animador de festas infantis, fantasiado de Batman, não logrou êxito, em razão de sucessivos eventos que o permitiram perceber que crianças de periferias não mais apreciavam os super-heróis de sua infância.

Em outubro de 1992, ocorreu uma grande briga entre dois grupos rivais de funkeiros das favelas de Vigário Geral e de Parada de Lucas na praia de Ipanema, já que as duas favelas estavam submetidas a diferentes “comandos”: o Comando Vermelho no caso da primeira, o Terceiro Comando no caso da segunda. Em meio à confusão, alguns funkeiros aproveitaram-se do caos para roubar banhistas. As repetidas vezes que essas cenas foram televisionadas foram o suficiente para aumentar o pânico e a hostilidade da sociedade perante os jovens moradores de favelas, como também o “íbope” da oposição. O episódio colaborou para a produção da imagem do jovem negro e morador de favela como o “Outro”, dificultando ainda mais as relações fundadas no reconhecimento. Neste contexto, Vera Malaguti Batista aponta que:

Não foi mera coincidência que naquela eleição municipal a candidata do grupo popular perdeu para as forças da ‘lei e da ordem’. Foi o ‘arrastão da Benedita’. No ano seguinte o medo do caos (sempre associado às forças populares) produziu uma vitória eleitoral que o Rio de Janeiro, capital da rebeldia nacional, nunca vira.<sup>11</sup>

Em resposta ao medo instaurado, as autoridades cariocas reagiram como de praxe, focando somente no sintoma do problema a fim de acalmar seus eleitores: os bailes funk e as músicas foram proibidos no mesmo ano. Neste momento, a promoção dos bailes era a única fonte de renda de Junior.

Foi a partir de seu envolvimento com a religião hindu que Júnior iniciou um novo empreendimento: a promoção de festas de reggae. Apesar do fracasso da primeira festa, devido à lentidão do novo ritmo em relação ao do funk, as seguintes

---

<sup>10</sup> Sennet, Richard. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Trad. Rya Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 73.

<sup>11</sup> Batista, Vera Malaguti. *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro: Revan. 2003. p. 19.

foram um sucesso. As festas de reggae eram as melhores do Rio de Janeiro e passaram a ser conhecidas como “Rasta Reggae Dancing”<sup>12</sup>. Através da música, Júnior obteve um espaço de reconhecimento e respeito, aquilo que Honneth chamaria de conquista moral impulsionada pelas experiências de desrespeito.

Devido ao sucesso das festas de reggae, foi produzido um jornal para cobrir matérias relativas ao reggae, à música afro-brasileira e aos assuntos de interesse dos negros. A primeira edição do AfroReggae Notícias foi lançada em 1993<sup>13</sup>.

Neste ano, trinta policiais civis e militares entraram encapuzados na comunidade de Vigário Geral, atirando e arrombando casas. Vinte e um moradores não envolvidos no tráfico morreram nesta operação ilegal, conhecida como a “Chacina de Vigário Geral”. Ademais, algumas semanas antes, oito crianças foram assassinadas por policiais militares, enquanto dormiam ao relento, na Igreja da Candelária.

Estas tragédias, que marcaram não só a cidade do Rio de Janeiro, mas também o mundo, foram essenciais para o AfroReggae desenvolver o primeiro Núcleo Comunitário de Cultura. Este núcleo foi criado na comunidade de Vigário Geral em 1994, oferecendo aos jovens aulas de reciclagem, percussão e dança, a fim de disponibilizar uma alternativa para traficantes e desempregados<sup>14</sup>. Além disso, tais iniciativas colaboraram para uma mudança nos modos como a juventude negra na favela via a si mesma, na tentativa de reverter um quadro com o qual o próprio Júnior havia sofrido toda sua vida.

Atualmente, o grupo cultural tem mais três núcleos, nas favelas de Parada de Lucas, Cantagalo e Complexo do Alemão. Cada núcleo oferece oficinas culturais. Em Vigário Geral são oferecidas oficinas de música, teatro e dança; em Parada de Lucas há um centro de computação e tecnologia, além de teatro, violino, capoeira e história em quadrinhos; em Cantagalo encontra-se a sede do circo; e no Complexo do Alemão há oficinas de teatro, dança e circo.

O AfroReggae é representado pela banda principal, mas existem subgrupos que incluem dança, teatro, circo, além de uma escola de samba e uma banda de reggae. O grupo também elabora vários projetos, como o *Conexões Urbanas* em

---

<sup>12</sup> Neate, Patrick et Damian Platt. *Culture is our Weapon: Afroreggae in the Favelas of Rio*. London: Latin America Bureau, 2006. p. 17.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem. p. 20.

conjunto com o Governo do Estado, permitindo que shows em comunidades tenham qualidade similar aos de eventos em bairros nobres.

Vale ressaltar que Junior não é o único membro do AfroReggae que sofreu situações de violência. Em 2002, Paulo Neguéba foi atingido por um projétil de fuzil no pé, numa operação comandada pelo BOPE (Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro) e Altair Martins teve um tímpano perfurado em uma abordagem policial <sup>15</sup>.

### **A parceria com o CESeC**

Em 2002, o AfroReggae realizou a primeira parceria com o CESeC, tendo em vista a produção de um videoclipe para a música “Tô Bolado”, que conta a chacina de Vigário Geral. O vídeo denuncia a violência policial através de sucessivas imagens de ações policiais <sup>16</sup>.

A segunda parceria com o CESeC se deu no final do ano de 2002. A coordenação do AfroReggae procurou o centro de pesquisa para organizar um projeto com a polícia. Junior conta que a idéia de realizar um trabalho com a polícia surgiu em meio a um tiroteio na Linha Vermelha, quando um policial o reconheceu como membro do AfroReggae e lhe pediu camisas do grupo para todos os policiais que ali estavam <sup>17</sup>. Este trabalho resultou no projeto Juventude e Polícia <sup>18</sup>.

Quanto ao financiamento, este projeto não teve problemas, pois a Fundação Ford reconheceu sua importância e o aprovou logo após sua apresentação. No entanto, várias foram as tentativas de desenvolver o projeto na cidade do Rio de Janeiro, onde o CESeC e o Grupo Cultural AfroReggae se localizam. Todas as tentativas foram frustradas <sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> Ramos, Silvia. *Juventude e Polícia*. Boletim de segurança e cidadania. Ano 05. Nº. 12. Rio de Janeiro: outubro de 2006. p. 02-03.

<sup>16</sup> Idem. p. 02.

<sup>17</sup> Entrevista com Junior no programa Roda Viva na TVE no mês de maio.

<sup>18</sup> Ramos, Silvia. *Juventude e Polícia*. Boletim de segurança e cidadania. Ano 05. Nº. 12. Rio de Janeiro: outubro de 2006. p. 02.

<sup>19</sup> Idem. p.02-03.

Foi somente no ano de 2004 que se iniciou o projeto. A Secretaria de Defesa Social e a Polícia Militar de Minas Gerais procuraram o AfroReggae e o Cesec para desenvolver o projeto junto aos batalhões da cidade de Belo Horizonte <sup>20</sup>.

Vale ressaltar que desde o ano de 2003 o subsecretário de Defesa Social de Minas Gerais, Luis Flávio Saporì, já vinha coordenando programas inovadores em segurança pública que visavam a prevenção à violência. Entre estes programas, destaca-se o Fica Vivo (programa de ação cultural e social atendendo jovens de comunidades) e o GPAR (Grupo Especializado em Áreas de Risco, policiamento comunitário no interior das favelas, inspirado no GPAE do morro de Cantagalo e Pavão/Pavãozinho, do Rio). Desta forma, pode-se observar que a política preventiva, que vinha sendo aplicada no estado, foi um facilitador para a aprovação do projeto <sup>21</sup>.

A grande novidade deste novo projeto era diminuir as distâncias entre os policiais militares e os jovens moradores de favelas por meio de oficinas de música e de artes ministradas por esses jovens dentro de batalhões da Polícia Militar, visando estabelecer um diálogo entre esses grupos.

### **Etapa piloto**

No dia nove de agosto de 2004, ocorreu a primeira “invasão cultural” <sup>22</sup> num Batalhão da Polícia Militar. Foi realizado um show de abertura com iluminação e som de qualidade profissional, além de oficinas de percussão, vídeo, circo e teatro. Cerca de oitocentos policiais e seus familiares, jovens do projeto Fica Vivo, autoridades da Secretaria de Defesa Social, comandantes de BPMs de Belo Horizonte, comandante da CPC, pesquisadores, bem como a imprensa e redes de televisão, assistiram às apresentações do Grupo Tambolelê, da banda AfroReggae e da banda Jota Quest <sup>23</sup>.

Nesta primeira etapa do projeto-piloto ocorreram quinze oficinas de arte e música. Dos dias nove aos treze de agosto, ocorreram as oficinas de percussão, circo, vídeo e teatro. Os participantes eram oficiais e praças do 22º BPM. Os filhos de policiais também puderam participar do projeto. As oficinas de circo foram oferecidas

---

<sup>20</sup> Idem. p. 03.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Refere-se ao oferecimento de oficinas dentro dos batalhões da polícia militar, comandadas por jovens moradores de favelas.

<sup>23</sup> Ramos, Sílvia. Juventude e Polícia. Relatórios – Agosto. Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007. p. 02.

aos filhos de policiais, bem como às crianças e adolescentes de comunidades próximas ao 22º BPM. Os filhos dos policiais também participaram da oficina de percussão. No segundo dia desta oficina, os instrutores fizeram uma atividade dupla, primeiro dirigida para os filhos dos policiais e depois para os próprios policiais. Foi observado que os participantes do projeto se aproximaram aos poucos das oficinas, pois algumas oficinas começaram com quinze participantes e terminaram com quarenta <sup>24</sup>.

O encerramento foi marcado por apresentações teatrais dos policiais e diversos números de percussão. Ao final, Altair, Paulo e LG, do AfroReggae, bem como Santonne do Tambolelé, foram “batizados”<sup>25</sup> pelos policiais, que fizeram uma roda em torno deles, enquanto aqueles tocavam percussão <sup>26</sup>.

As cenas de policiais fardados e armados tocando tambores, instruídos por jovens da comunidade de Vigário Geral foram repetidas na segunda etapa do projeto-piloto. No entanto, estas cenas puderam ser vistas em dois batalhões, simultaneamente, no 22º e no 34º.

A “invasão cultural” no 34º BPM iniciou-se em treze de setembro de 2004 com um show, mas com um diferencial importantíssimo: houve uma apresentação dos policiais do 22º batalhão, treinados em agosto. Após a apresentação, foi a vez do Grupo AfroReggae “batizar” os policiais. O instrutor Altair entregou camisas do AfroReggae e os policiais das oficinas de percussão as vestiram por cima da farda.

Como na primeira etapa, a segunda também teve duração de cinco dias. Foram oferecidas vinte oficinas de percussão, teatro, circo e vídeo. Nesses dias, os grupos das oficinas de teatro e de percussão do 22º BPM prepararam um número para ser apresentado no show de encerramento. No 34º BPM, as oficinas de circo e percussão ocorreram todos os dias e as vagas se esgotaram no terceiro dia em diante. Nas oficinas de circo, sob a coordenação de Silvana Moreira, os policiais fizeram pirâmides, acrobacias e aéreos no tecido. As oficinas de vídeo comandadas por Marcelo Guru, proporcionaram aos policiais do 22º batalhão a possibilidade de serem

---

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Faz-se necessário esclarecer que o termo batizado foi utilizado no sentido de que passaram a pertencer ao grupo.

<sup>26</sup> Ramos, Silvia. Juventude e Polícia. Relatórios – Agosto. Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007. p. 02.



“repórteres por um dia” no 34º BPM <sup>27</sup>. Mais de noventa policiais participaram das oficinas, sendo que os batalhões contam com um efetivo de oitocentos policiais <sup>28</sup>.

A oficina de encerramento foi em conjunto com os dois batalhões. Houve apresentações de percussão e de circo pelos policiais do 34º BPM. Os policiais do 22º batalhão realizaram um número integrado de teatro, música e percussão dirigido por Johayne Ildefonso, a partir de textos escritos pelos próprios policiais. Ao final, os grupos de percussão dos dois batalhões tocaram juntos. Em outubro ocorreu a terceira etapa do projeto-piloto e as cenas dos meses anteriores foram repetidas.

Nos dias vinte e dois a vinte e seis de novembro realizou-se a última etapa do projeto-piloto. No 22º BPM, continuou-se trabalhando com o grupo que iniciou o projeto em agosto. Foram oferecidas oficinas de percussão, teatro e grafite. No 34º, aumentou-se o número de participantes, os quais se misturaram aos antigos nas oficinas de percussão, circo e grafite. A oficina de encerramento repetiu a de setembro com a presença dos dois batalhões, que fizeram diversas apresentações e finalizaram tocando percussão juntos <sup>29</sup>.

Vale ressaltar que parte do projeto-piloto consistiu na produção do documentário “Polícia Mineira”, dirigido por Estevão Ciavatta. O filme ilustra jovens do AfroReggae narrando a policiais experiências entre a polícia do Rio de Janeiro e os traficantes, e policiais militares de Minas Gerais narrando as técnicas e estratégias utilizadas na segurança pública do estado. Devido à exibição do documentário no quartel general da Polícia Militar do Rio de Janeiro em janeiro de 2006, foi estabelecido um diálogo para verificar a implantação deste projeto no Rio de Janeiro <sup>30</sup>. Ademais, um grupo de vinte e três policiais foi mantido fixo, organizados em uma banda chamada 190, e vem realizando apresentações em Minas Gerais, como também fora do estado.

## **Segunda Etapa do Projeto**

---

<sup>27</sup> Ramos, Silvia. Juventude e Polícia. Relatórios – Setembro. Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007. p. 03.

<sup>28</sup> Ramos, Silvia. *Juventude e Polícia*. Boletim de segurança e cidadania. Ano 05. Nº. 12. Rio de Janeiro: outubro de 2006. p. 03.

<sup>29</sup> Ramos, Silvia. Juventude e Polícia. Relatórios – Novembro. Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007.

<sup>30</sup> Ramos, Silvia. *Juventude e Polícia*. Boletim de segurança e cidadania. Ano 05. Nº. 12. Rio de Janeiro: outubro de 2006. p. 03-04.

Reconhecendo os resultados positivos da etapa piloto de 2004, a Polícia Militar de Minas Gerais resolveu dar continuidade ao projeto, a fim de capacitar um grupo permanente de policiais para que desenvolvesse, como instrutores, o processo de aproximação com os jovens de comunidades e o fortalecimento do grupo. Em 2005, foram capacitados quarenta policiais de cinco batalhões de Belo Horizonte. Estes passaram a instruir jovens de favelas, participantes do programa Fica Vivo, e em escolas públicas situadas em comunidades nas oficinas de percussão, grafite, teatro, dança de rua e basquete de rua <sup>31</sup>.

No ano de 2006, o convênio com o governo de Minas Gerais foi renovado para dar continuidade ao projeto. Desde o início deste ano, um grupo permanente de vinte policiais se dedica em escala integral, durante duas semanas a cada mês, na instrução de jovens da rede pública em comunidades. Atualmente, jovens e policiais fazem apresentações conjuntas em eventos públicos, bem como dentro dos batalhões. Ademais, a banda “190” da polícia militar realiza shows com a participação de jovens treinados pelos policiais.

Em maio deste ano, vinte instrutores do projeto participaram de duas semanas na capacitação de policiais militares com a intenção de formar uma tropa de elite e de institucionalizar o projeto dentro da PMMG <sup>32</sup>.

Na parte da manhã da primeira semana ocorreram palestras e debates sobre psicopedagogia para jovens, combate às drogas, sexualidade, gênero e policiamento comunitário em favelas; com policiais convidados e profissionais dentro do 16º BPM. Na parte da tarde foram realizadas oficinas, sendo que somente a oficina de basquete ocorria nas quadras do colégio Tiradentes e do Oásis Clube próximo ao batalhão <sup>33</sup>.

Na segunda semana focou-se em atividades com jovens de vários grupos parceiros de diversas partes de Belo Horizonte. No período da manhã as oficinas foram realizadas na Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC), somente a de dança tendo sido realizada no Colégio Alison Pereira Guimarães. No período da tarde foi

---

<sup>31</sup> Ramos, Silvia. *Juventude e Polícia*. Boletim de segurança e cidadania. Ano 05. Nº 12. Rio de Janeiro: outubro de 2006. p. 03.

<sup>32</sup> Ramos, Silvia. *Formando uma Tropa de Elite na Polícia para trabalhar com jovens*. Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/juventude\\_e\\_policia2007.pdf](http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/juventude_e_policia2007.pdf). Acesso em: 12 jul. 2007. p. 01.

<sup>33</sup> Idem. p. 03.

possível elaborar atividades com mais outros jovens de grupos parceiros, eventos que entraram pela noite <sup>34</sup>.

Apesar das dificuldades iniciais, o projeto foi fortalecido pelo crescente interesse dos policiais militares em participar das oficinas e possibilitou sua continuidade além do esperado, sendo até possível pensar na institucionalização deste projeto a fim de que se transforme em um programa da Polícia Militar do estado de Minas Gerais, capaz de prosseguir na formação de uma “tropa de elite” sem a participação direta do Grupo Cultural AfroReggae e do CESeC.

O relato das etapas do projeto Juventude e Polícia nos permite observar as possibilidades de mudança tanto nas representações que fazem um do outro, policiais e jovens, quanto nos padrões de interação desses dois grupos. Estes serão os eixos de mudanças analisados a seguir.

### **Primeiro eixo de análise: mudanças nas representações**

No momento anterior ao projeto, tanto os policiais militares quanto o AfroReggae se viam como grupos antagônicos. Os policiais militares eram representados pelas imagens da arma, da farda e da viatura. Estas imagens projetavam uma sensação de insegurança nos jovens moradores de favelas, já que a maioria deles já havia experimentado e/ou assistido alguma ação violenta da polícia. Já o AfroReggae representava a imagem do “jovem morador de favela”: negro, mal vestido e traficante.

Diante dessas imagens é possível identificar o que Erving Goffman chama de estigma, “um tipo especial de relação entre atributos e estereótipos” <sup>35</sup> que é produzido em um ambiente social por um determinado sistema relacional. Havia uma nítida estigmatização que distanciava ambos os grupos, produzida pelos que Goffman chama de “normais”, aqueles cuja identidade social lhes confere poder na imposição das regras e na caracterização de comportamentos desviantes <sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Goffman, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p.13.

<sup>36</sup> Becker, Howard. Marginais e Desviantes. In: *Uma Teoria de Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 53. Este termo é utilizado por Becker, aludindo àqueles que são julgados por outros como desviantes devido ao seu comportamento e sua origem.

A partir dos primeiros contatos através da música e da arte, esses estigmas foram sendo desconstruídos, facilitando a aproximação entre os grupos. As rodas de conversa foram essenciais para este processo de aproximação. Nestas rodas, bastante tensas, os jovens participantes do projeto podiam perguntar sobre tudo que quisessem saber sobre a polícia. Muitas vezes as conversas começaram pelo tema da abordagem policial. Os jovens contam suas experiências nas “duras” policiais e confrontos entre a polícia e traficantes no Rio de Janeiro e os policiais relatam suas experiências nas rondas dentro das comunidades, bem como técnicas, armas e estratégias usadas atualmente em Belo Horizonte.

Após trocarem experiências, os participantes do projeto deixavam de lado os atributos e os estereótipos que categorizavam ambos os grupos (identidade social virtual) e descobriam que compartilhavam muitas características determinantes de suas identidades, o que Goffman chama de identidade social real. As experiências concretas de ocupação de favelas passaram a produzir identidade entre os grupos. Por outro lado, passaram a construir outros parâmetros para identidades sociais virtuais, agora na valoração positiva da condição de negros. A identificação de corte racial (a maioria dos jovens e policiais se auto-atribuíam uma identidade negra) era relacionada a determinadas afinidades culturais de matriz africana, como o batuque do reggae. Além disso, tanto os jovens quanto os policiais percebiam que são seres humanos e que sofrem com a discriminação por pertencerem a grupos estigmatizados pela sociedade, produzindo uma identidade comum.

Assim, pode-se observar o processo de abandono do antigo Nós, os policiais, e Eles, os jovens de comunidades para a utilização de um novo Nós, os participantes do projeto, e Eles, a sociedade e a mídia, vendo o policial em cenas inusitadas e novas<sup>37</sup>. As matérias publicadas em revistas e jornais foram essenciais no processo de mudança de imagens, pois foi possível ver policiais em notícias positivas, “em contexto de valoração e de identificação com signos de modernidade, como música e juventude”<sup>38</sup>. Não só a sociedade pôde ver esta nova imagem do policial, como os próprios policiais participantes do projeto se viram nesta nova categoria.

É importante destacar que uma das marcas do projeto não é apenas o fortalecimento da identidade de grupo, mas também a valorização da individualidade.

---

<sup>37</sup> O AfroReggae e a “190” da Polícia Militar fazem apresentações em público e em programas de televisão.

<sup>38</sup> Ramos, Sílvia. Juventude e Polícia. Relatórios – Agosto. Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007. p. 03.

Esta marca foi observada no show de abertura da segunda etapa do projeto-piloto, quando policiais realizaram apresentações de percussão tanto em grupo como individualmente, mostrando cada um como policial, músico, pessoa diferente <sup>39</sup>.

É imprescindível dizer que foram realizadas avaliações preliminares a fim de verificar o impacto do projeto na mudança nas representações. Foram utilizados dois instrumentos quantitativos distintos e criados grupos focais de característica eminentemente qualitativa. No ano de 2005, foram realizados quatro grupos focais em dois batalhões com policiais que participaram do projeto e com policiais que não participaram do projeto, que responderam a um *survey*. No ano de 2006, outro *survey* foi respondido por jovens de duas escolas da periferia de Belo Horizonte onde foi desenvolvido o projeto.

Com relação ao primeiro *survey*, vale ressaltar que foi aplicado antes do início da etapa em que policiais foram capacitados para serem instrutores de jovens em favelas e escolas. Desta forma, esta avaliação somente abrange o impacto da etapa-piloto, desenvolvida em 2004.

Cento e noventa e dois policiais responderam aos questionários, sendo que noventa e nove eram de um batalhão e noventa e três eram de outro. Dentre os respondentes, 13,5% tinham participado do projeto; 76,1% tinham conhecimento do projeto, no entanto, não tiveram contato com o projeto; e somente 10,4% não sabiam da existência do projeto. No questionário foi perguntado se as oficinas culturais favorecem a integração polícia e comunidade e 78,1% responderam que favorecem.

Quanto ao segundo *survey*, foi realizado em duas escolas no ano de 2006. Duzentos e quarenta e cinco jovens que participaram do projeto responderam ao questionário. Quando foi perguntado “você mudou sua imagem sobre a polícia depois do projeto?”, 80,8% responderam positivamente. Quando os jovens responderam o que mudou na imagem sobre a polícia, alguns se utilizaram da palavra *folgados* para definir os policiais antes do projeto e da palavra *legais* para defini-los após o projeto.

Neste ano houve uma terceira pesquisa. Desta vez, cem policiais do 16º BPM que não tiveram ligação direta com o projeto, responderam ao *survey*, a fim de avaliar a receptividade do projeto entre estes policiais. Novamente foi perguntado se as oficinas ajudam na interação polícia-comunidade e 73% dos policiais responderam que sim.

---

<sup>39</sup> Ramos, Silvia. Juventude e Polícia. Relatórios – Setembro. Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007. p. 02.

Através destas avaliações foi possível conferir um impacto positivo de mudança da imagem da polícia, tanto entre jovens que participaram do projeto quanto na sociedade que pôde ver, através da cobertura da imprensa, o policial envolvido em atividades culturais.

Já o impacto nos policiais foi moderado. Este resultado decorre, em muito, do conservadorismo de alguns policiais, que acreditam que o projeto ridiculariza a imagem da polícia, que provoca problemas na escala de serviço e que não é função da polícia fazer trabalho assistencial nas comunidades. Sobre a cultura policial no estado do Rio de Janeiro Muniz aponta que:

Tem-se, de um lado, o segmento progressista da PM, isto é, aqueles que se intitulam os “policiais militares realistas” preocupados com o ingresso da PMERJ no terceiro milênio e, de outro, a “mentalidade conservadora” representada pelos “policiais militaristas” que, segundo os primeiros, ocupam-se de sustentar uma visão equivocada da missão e do papel das polícias ostensivas, reproduzindo falsos paralelismos com as forças da defesa nacional.<sup>40</sup>

Vale ressaltar que a PMMG também possui policiais com visões semelhantes aos “policiais militaristas” da PMERJ, os quais defendem a permanência de valores na corporação advindos do “militarismo”. Mesmo que parcialmente, estes valores culturais são suficientes para dificultar um impacto positivo do projeto no interior dos batalhões.

### **Segundo eixo de análise: mudanças nos padrões de interação**

Este projeto é inovador, pois rompe com as tradicionais formas de interação entre jovens pobres e policiais. A coordenadora do projeto, Silvia Ramos<sup>41</sup>, destaca que a experiência mobiliza não só a razão, no trabalho de sensibilização, mas também a emoção por meio da cultura e da linguagem corporal, oferecendo oficinas de artes e música, além de ter por método o diálogo, valorizado nas rodas de conversas.

---

<sup>40</sup> Muniz, Jacqueline de Oliveira. *Cultura e Cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999. p. 118.

<sup>41</sup> Coordenadora de Área de Minorias, Movimentos Sociais e Cidadania do Cesec e coordenadora do projeto Juventude e Polícia.

Nas oficinas, foi possível visualizar policiais armados e fardados fazendo exercícios de dramatização no chão ou debatendo “imagens” da polícia nas oficinas de vídeo ou tocando bumbos e tambores nas oficinas de percussão, além de filhos de policiais e crianças de uma comunidade montando pirâmides humanas nas oficinas de circo <sup>42</sup>.

A “invasão cultural” nos batalhões da Polícia Militar parte da idéia de que o problema é relacional entre os jovens e policiais, e não apenas de um grupo ou de outro. A experiência visa, num primeiro momento, aproximar os policiais e jovens e, num segundo momento, sensibilizar o policial.

No curso do projeto não há mediadores, a troca entre policiais e jovens é direta. Em 2004, os instrutores dos policiais foram os próprios jovens moradores de favelas. Em 2005, 2006 e 2007 os instrutores dos jovens foram os policiais militares que haviam passado pelo processo de capacitação. Esta troca direta possibilita uma sensibilização mais intensa e, por conseguinte, uma mudança mais rápida tanto das imagens de um grupo perante o outro quanto dos parâmetros para a relação entre indivíduos dos dois grupos.

## **Conclusão**

O projeto “Juventude e Polícia” tornou possível a aproximação e o diálogo entre dois grupos que eram distantes, em razão de imagens estereotipadas que um grupo fazia do outro, imagens estas que ignoravam a real identidade do grupo, bem como do indivíduo.

As inovações nos padrões de interação foram imprescindíveis para o processo de mudança destas imagens. Foi possível observar que a ausência de mediadores nas oficinas e nas rodas de conversa não dificultou a interação entre policiais e jovens, pelo contrário, facilitou a aproximação através da sensibilização do contato direto e da troca de experiências.

---

<sup>42</sup> Ramos, Silvia. Juventude e Polícia. Relatórios – Agosto. Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007. p. 01.

Através dos *surveys*, verificou-se que o resultado do projeto provocou mudanças de opiniões não apenas nos policiais participantes, mas também naqueles que não tiveram contato algum com o projeto.

Destarte, pode-se dizer que o projeto “Juventude e Polícia” vai além de um trabalho com a polícia militar. A partir deste, foi possível verificar a importância do papel de ONGs atuando em parceria com a administração pública no processo de transformação da corporação, a fim de que suas práticas correspondam ao Estado Democrático de Direito.

## Referências

BATISTA, Vera Malaguti. *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BECKER, Howard. Marginais e Desviantes. In: *Uma Teoria de Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BRASIL. Código Penal, Código de Processo Penal, Legislação Penal e Processual Penal e Constituição Federal. Organizador Luiz Flávio Gomes. 9. ed. São Paulo: RT, 2007.

FIGUEIREDO, André Luiz Videira. “Entre a letra e o Espírito: os marcos normativos e a política de reconhecimento”. *Rio de Janeiro, 2007 (mimeo)*.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 19.

MUNIZ, Jacqueline de Oliveira. *Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser. Cultura e Cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

MUSUMECI, Leonarda e Ramos Silvia. “Elemento Suspeito”. *Abordagem Policial e Discriminação na Cidade do Rio de Janeiro*. Boletim de segurança e cidadania, Rio de Janeiro, ano 03, nº 08, 1-16 p. Dezembro de 2004.

NEATE, Patrick et Damian Platt. *Culture is our Weapon: AfroReggae in the Favelas of Rio*. London: Latin America Bureau, 2006.

RAMOS, Silvia. *Formando uma Tropa de Elite na Polícia para trabalhar com jovens*. Disponível em:



[http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/juventude\\_e\\_policia2007.pdf](http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/juventude_e_policia2007.pdf) .

Acesso em: 12 jul. 2007.

RAMOS, Silvia. *Juventude e Polícia*. Boletim de segurança e cidadania, Rio de Janeiro, ano 5, nº 12, 1-16 p. Outubro, 2006.

RAMOS, Silvia. Relatório do Projeto Juventude e Polícia de 09 a 13 de agosto.

Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007.

RAMOS, Silvia. Relatório do Projeto Juventude e Polícia de 13 a 17 de setembro.

Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007.

RAMOS, Silvia. Relatório do Projeto Juventude e Polícia de 22 a 26 de novembro.

Disponível em: [http://www.ucamcesec.com.br/at\\_proj\\_conc\\_texto.php?cod\\_proj=213](http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=213). Acesso em: 12 jul. 2007.

SENNET, Richard. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004.